

Senhoras e Senhores,

Começo por saudar os participantes nesta XVII Conference de l'Académie de la Latinité, que se realiza na acolhedora cidade de Rabat, "em busca da interculturalidade, pela via do diálogo".

2. Marrocos é um velho e singular país, de enorme importância geo-estratégica que os latinos conhecem bem - a começar pelos romanos que aqui deixaram a sua marca, de que restam fulgurantes vestígios - e que festeja este ano, mil e duzentos anos do nascimento da sua primeira capital, Fez, a cuja cerimónia inaugural das comemorações tive a honra de assistir.

3. Marrocos e o mundo islâmico conhecem bem a Península Ibérica, onde estiveram durante sete séculos e onde deixaram enormes contributos da sua brilhante civilização, que hoje perduram em toda a Península e, especialmente, na Andaluzia e no Algarve...

4. Ao longo da História, que durante tantos séculos nos foi comum, tivemos encontros e desencontros, convergências e divergências, num permanente diálogo dialético, que nos deixou, de ambos os lados do Mediterrâneo e no Atlântico, marcas indeléveis e influências recíprocas.

5. Somos hoje vizinhos, parceiros, amigos. Estamos, aliás, empenhados em explorar e desenvolver as nossas convergências, sem apagar - ou querer esquecer - aquilo que ainda nos possa separar, com vista, justamente a aprofundar, sem ambiguidades, a nossa amizade e as potencialidades que resultam de um bom relacionamento, para ambas as partes.

6. Estamos a viver hoje, em 2008, um ano de viragem global, de grande complexidade, perigosas ameaças e apaixonados desafios. A revolução científica, tecnológica, informática e mediática, em curso, pôs ao alcance dos nossos Povos - e da "Humanidade", preciosa palavra - extraordinárias oportunidades. Mas, ao mesmo tempo, se não nos soubermos opôr, eficientemente e com inteligência, às grandes ameaças globais que, igualmente, nos espreitam - alterações climáticas, desordem ambiental, pobreza generalizada, fome, desertificação, criminalidade internacional organizada, crise financeira mundial, subida em flecha dos preços do petróleo e dos produtos alimentares, com as terríveis consequências que daí resultam - os conflitos irão agravar-se, em todos os campos, esperando-nos tempos terríveis, de incerteza, insegurança, aumento da conflitualidade entre os Estados e as populações desesperadas.

7. A primeira forma de evitar os perigos que refiro - e que, infelizmente, não são exagerados - é tomar bem consciência da sua perigosa realidade, para os combater eficazmente. Como? Obviamente, a nível dos Estados, utilizando a pressão de opiniões públicas esclarecidas sobre os governantes e mobilizando as sociedades civis, a nível mundial - e as ONGs - na luta contra a violência, o fanatismo e a indiferença - ou o ódio - para quem é diferente de nós.

Como tem dito e escrito, repetidamente, o nosso Presidente da Academia da Latinidade, Federico Mayor Zaragoza, é indispensável desenvolver, nos nossos países, a "cultura da paz", da não violência e do diálogo, uma vez que estamos a assistir a um fenómeno novo, à escala mundial: o aparecimento de uma cidadania global, com a qual importa contar.

8. Nesse sentido, as religiões podem - e devem - dar um contributo decisivo para essa "cultura da paz", inscrita nos seus códigos genéticos, se forem capazes de animar o diálogo inter-religioso - e, no mundo de hoje, o diálogo entre crentes e não crentes - em vez de manter a indiferença, a ignorância e o antagonismo de uns em relação a outros e, sobretudo, o choque entre as diversas religiões e civilizações, profetizado por Samuel Huntington.

9. Após o colapso do universo comunista, que acabou com o mundo bipolar da "guerra fria", a administração Bush lançou-se no caminho do hegemonismo de uma só potência, com a afirmação do chamado "império benigno" e os Estados Unidos convertidos numa espécie de "polícia do Mundo".

10. Os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 forneceram-lhes o pretexto para se lançarem no caminho das "guerras preventivas" e da tentativa de marginalização das Nações Unidas. Foi uma prova de força que quis fazer a hiperpotência hegemónica, que lhe foi fatal, nos planos geo-estratégicos, militar e político económico - para dividir e paralisar a União Europeia - e que resultou enormemente contraproducente para a tão proclamada "luta contra o terrorismo. Pelo contrário, aumentou o terrorismo global. O desastre está à vista!

11. 2008 marca o fim dessa política celerada, como a campanha para as eleições presidenciais americanas está a provar. Voltámos ao multilateralismo em política externa, com a emergência de novas potências, os chamados BRICs (Brasil, Rússia, Índia, China) e os outros que estão a caminho de se afirmar pelo seu peso populacional e político-económico. As Nações Unidas emergiram também, tornando evidente a sua centralidade para a construção de uma nova ordem mundial, na medida em que os objectivos do Milénio, têm cada vez mais actualidade, bem como qualquer esquema de uma governance global, que necessariamente passará pela reorganização da ONU.

12. No período que transcorreu entre 2001 e 2008 muitos valores - que pensávamos universais - foram postos em causa, a começar, infelizmente pelos Direitos Humanos tão proclamados pela hiperpotência mundial. Mas que foram gravemente infringidos em Guantanamo, em Abdu Grahیب, nas "guerras preventivas", no Afeganistão, no Iraque, no Líbano, em África e no desastroso conflito, que parece eternizar-se, israelo-palestiniano.

13. O neo-liberalismo, como ideologia e no plano económico - com a teologização do mercado que preconizou - esgotou-se e desacreditou-se. Estamos a viver uma crise financeira sem precedentes no pos-guerra. E a recessão económica americana, que alguns economistas procuram ignorar, é um facto que ameaça propagar-se à União Europeia e a alguns países emergentes, como a Índia e a China.

14. Neste quadro, é indispensável reagir. É do nosso futuro comum, no Planeta, nossa Casa Comum, que se trata. A União Europeia, apesar dos 27 representantes dos Estados membros terem subscrito o Tratado de Lisboa, não quebrou ainda o impasse em que se encontra. A América está a viver um período de grande transformação, por força da necessidade e do descontentamento geral. Sobretudo a juventude, que não quer a guerra - como no Vietname - graças ao dinamismo eleitoral desencadeado pelo Candidato Barack Obama.

15. Somos todos cidadãos deste mundo global em que vivemos, tão complexo, incerto e inseguro. Todos temos instrumentos que podemos utilizar. A internet é um deles. Os movimentos cívicos e pacíficos de opinião, são outros. Utilizemo-los! Em favor da paz, do entendimento entre os Povos, da Aliança das Civilizações, de um mundo melhor, que é possível.

16. Esta XVII Conferência da Academia da Latinidade - pela reflexão e debate que irá provocar - será, creio, um contributo válido, ainda que modesto, para a paz - entre os Estados e os Povos.

Rabat, 17 de Abril de 2008